

# Arquivos de Zoologia

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Volume 44(4) :185-209, 2013

www.mz.usp.br/publicacoes  
http://portal.revistasusp.sibi.usp.br

ISSN impresso: 0066-7870  
ISSN on-line: 2176-7793

## REMESSA DE ANIMAIS DE SANTA CATARINA (1791) PARA A “CASA DOS PÁSSAROS” NO RIO DE JANEIRO E PARA O REAL MUSEU DA AJUDA (PORTUGAL)

NELSON PAPAVERO<sup>1</sup>  
DANTE MARTINS TEIXEIRA<sup>2</sup>

### ABSTRACT

*The growing interest in Natural Sciences promoted by the Enlightenment would lead Dom Luís de Vasconcellos e Sousa, 4<sup>th</sup> Count of Figueiró and 12<sup>th</sup> Viceroy of the State of Brazil, to foster several measures directed both to the urbanization of Rio de Janeiro and to the better knowledge of the Colony's natural products. He was the creator of the Passeio Público and the so-called Casa dos Pássaros, respectively the first public exhibit of animals and the first natural history museum in the New World. Dom Luís de Vasconcellos e Sousa and his successor, José Luís de Castro, 2<sup>nd</sup> Count of Resende, the 13<sup>th</sup> Viceroy of Brazil, received the incumbency of regularly sending specimens of the Brazilian fauna to the “Quintas Reais” and to the Ajuda Museum, in Lisbon. In the particular case of Santa Catarina, an “instruction” was elaborated in 1791, probably by the initiative of Francisco Xavier Cardoso Caldeira – the so-called “Xavier dos Pássaros” – to systematize and orient the collecting process, listing the desired animals and products of animal origin with commercial vale, also providing interesting details about techniques of preservation, packaging for transportation and the price paid for the specimens. Although very concise, this document constitutes a valuable testimony about Brazilian Natural History in the 18<sup>th</sup> century.*

KEY-WORDS: Zoological Collections; *Casa dos Pássaros*; Rio de Janeiro; Portugal; Quintas Reais; Museu da Ajuda; Luís de Vasconcellos e Sousa; José Luís de Castro; Francisco Xavier Cardoso Caldeira; Francisco Xavier dos Santos; Colonial Brazil; Santa Catarina; Instructions (1791); History of Zoology; 18<sup>th</sup> Century.

### A CRIAÇÃO DO REAL MUSEU E JARDIM BOTÂNICO DA AJUDA, EM PORTUGAL

Em 1726, D. João V (1689-1750) adquiriu três quintas na zona de Belém, em Portugal. A primeira, que já contava com uma edificação, é o hoje o Palácio de Belém; nela existiu uma *ménagerie*, para a qual eram enviados animais das diversas colônias portuguesas (*cf.*, Papavero & Teixeira, 2013, para um histórico das chamadas

1. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo. Caixa Postal 42.494, 04218-970, São Paulo, SP, Brasil. Bolsista de Produtividade Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Membro do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (dirigido pelo Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo) do Programa de Incentivo à Pesquisa da Reitoria da USP. E-mail: pavotnel@gmail.com

2. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. Bolsista de Produtividade Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: victorrenault@stmbecker.com.br

“Quintas Reais de Belém” e das remessas de animais do Grão-Pará feitas por seus Governadores e Capitães-Generais no século XVIII). A segunda foi uma ermida do Oratório, depois expandida, que é o atual Palácio das Necessidades. A terceira foi a Quinta da Ajuda, reservada para a edificação de uma residência real de verão; sua utilização como Paço Real deu-se após o Terremoto de Lisboa de 1755, durante o reinado de D. José. O rei ficara tão perturbado com o terremoto que mandou erigir no alto da Ajuda, local de pouca atividade sísmica, um palácio de madeira e pano, a que se chamou Real Barraca ou Paço de Madeira. A obra só foi concluída em 1761; seus interiores foram decorados com o melhor e mais belo mobiliário e grandes e preciosas peças de tapeçaria, pintura e ouriversaria.

Em 1768, por ordem do ministro Marquês de Pombal, foram criados um Real Museu e um Jardim Botânico anexos ao Palácio Real, para onde deveriam ser remetidos animais e plantas das colônias portuguesas. Vandelli<sup>1</sup>, que havia sido chamado a Portugal em 1764 pelo Marquês de Pombal, compilou um catálogo das plantas exóticas que já estavam sendo cultivadas no Jardim Botânico da Ajuda (Vandelli, 1771b). Nesse mesmo ano (Vandelli, 1771a), como agradecimento ao Marquês, criou o gênero *Pombalia*, para a espécie *Viola ipecacuanha* de Linnaeus<sup>2</sup> (Figuras 1 e 2). Em 1787 foi nomeado diretor do Jardim Botânico da Ajuda. O naturalista italiano dirigiu as “expedições filosóficas” portuguesas de finais do século XVIII, levadas a cabo por Alexandre Rodrigues Ferreira e outros naturalistas que tinham sido seus alunos na Universidade de Coimbra (sobre o assunto, *vide* Brigola, 2004; Camargo, 2006; Domingues, 2001; Pataca, 2005, 2006, 2011; Pataca & Pinheiro, 2005; Silva, 2009). Foi também Primeiro Secretário da *Academia Real das Sciencias* de Lisboa<sup>3</sup>.

Como comentaram Pataca & Pinheiro (2005:62): “A demanda por Instruções de Viagens tornou-se evidente no século XVIII, devido à ausência de observações sistematizadas feitas pelos naturalistas nas expedições. Tentou-se excluir o fator subjetivo que tornava pessoal o relato de viagem deixando-o vulnerável a interpretações diversas, como consequência de uma padronização que as instruções passariam a exigir, em um esforço para homogeneizar o olhar do naturalista. Em outras palavras, as Instruções buscavam, acima de tudo, diminuir a distância entre o sujeito observador e o objeto observado”.

Dois discípulos de Linnaeus foram os primeiros a publicar instruções sobre como deveriam ser feitas as coleções para os museus de história natural e sobre o método de observar e descrever os espécimes na natureza – Hultman (1753) defendeu a tese *Instructio musei rerum naturalium* (Figura 3) e Nordblad (1759), também numa tese defendida em Upsala, redigiu instruções para os viajantes naturalistas de como fazer suas observações de campo – a *Instructio peregrinatoris* (Figura 4), posteriormente traduzida para o alemão (Meidinger, 1771) (Figura 5).

Em 1781 a Academia das Ciências de Lisboa publicava também um guia para a coleta, observação e remessa de espécimes de história natural para a capital do reino (Academia das Ciências de Lisboa, 1781) (Figura 6). Ainda segundo Pataca & Pinheiro (2005:64): “As Viagens Filosóficas tinham também o objetivo de abastecer o Real Museu de Ajuda com coleções de história natural. Desse modo, foram necessárias instruções que orientassem um público mais amplo sobre os modos de recolher, preparar e remeter produtos para Lisboa. A fim de instruir os empregados do Real Museu de Ajuda para essas atividades, os naturalistas dessa instituição redigiram, em 1781, umas instruções que permanecem manuscritas e que atualmente estão depositadas no Museu Bocage, com o título ‘Método de recolher, preparar, remeter, e conservar os produtos naturais seguindo do plano, que tem concebido, e publicado, alguns naturalistas, para o uso de curiosos que visitam os sertões, e costas do mar’. Em alguns trechos do manuscrito há anotações com a letra de Alexandre Ferreira, que, possivelmente, participou de sua elaboração. As ilustrações foram feitas por Joaquim José Codina e Ângelo Donati, ambos eleitos posteriormente como desenhistas nas Viagens Filosóficas. Em muitos pontos, esse manuscrito coincide com as

<sup>1</sup> Domenico Agostino Vandelli nasceu em Pádua, Itália. Seu pai foi professor na Universidade de Pádua e doutor em medicina. Domenico formou-se pela Universidade de Pádua e foi convidado pelo Marquês de Pombal para integrar o corpo docente que iria lecionar matérias científicas no Real Colégio dos Nobres. Chegou em Portugal em 1764. Não tendo o esperado sucesso o Real Colégio dos Nobres, Vandelli foi convidado, no âmbito da reforma da Universidade de Coimbra, para ocupar um lugar na Faculdade de Filosofia, onde foi nomeado lente de Química e de História Natural. Ficaria também responsável pela seleção do local da implantação do Jardim Botânico, do estabelecimento do Laboratório Químico e do Museu de História Natural da Universidade de Coimbra. Em 1787 passou a viver em Lisboa, onde se tornou o primeiro diretor do Jardim Botânico da Ajuda. Continuou a ser diretor do Laboratório Químico da Universidade até 1791, apesar de estar ausente de Coimbra. Foi autor de grande número de memórias sobre temas científicos e econômicos. Durante as invasões francesas, entre 1807 e 1811, foi acusado de ser *afrancesado* e, em 1810, com 80 anos, foi preso e deportado para a Ilha Terceira, Açores. Mais tarde foi-lhe concedida autorização para se deslocar para a Inglaterra, de onde regressou a Portugal, em 1815. Morreu em Lisboa em 1816.

<sup>2</sup> Atualmente um sinônimo júnior de *Hybanthus calceolaria* (L.) Oken (Malpighiales, Violaceae).

<sup>3</sup> A *Academia Real das Sciencias* de Lisboa foi criada em 24 de novembro de 1779, sob o reinado de D. Maria I, pelo Duque de Lafões e pelo Abade Correia da Serra, este notável naturalista (*cf.*, Diogo, Carneiro & Simões, 2001).

‘Breves instrucções aos correspondente da Academia das ciências de Lisboa sobre as remessas dos produtos, e noticias pertencentes a Historia da Natureza, para formar um Museu Nacional’, editada em 1781. Estas foram preparadas pela Academia de Ciências de Lisboa e, possivelmente, os naturalistas do Museu da Ajuda também nela trabalharam, devido aos pontos em comum entre suas instrucções”.

Em 1794, por descuido de um criado com uma candeia, deflagra-se um enorme incêndio que destrói por completo a Real Barraca e grande parte de seu valioso recheio – tapeçarias, pinturas, ouriversaria, mobiliário – tudo é totalmente consumido pelas chamas. Um novo palácio vai ser construído, por iniciativa do Príncipe

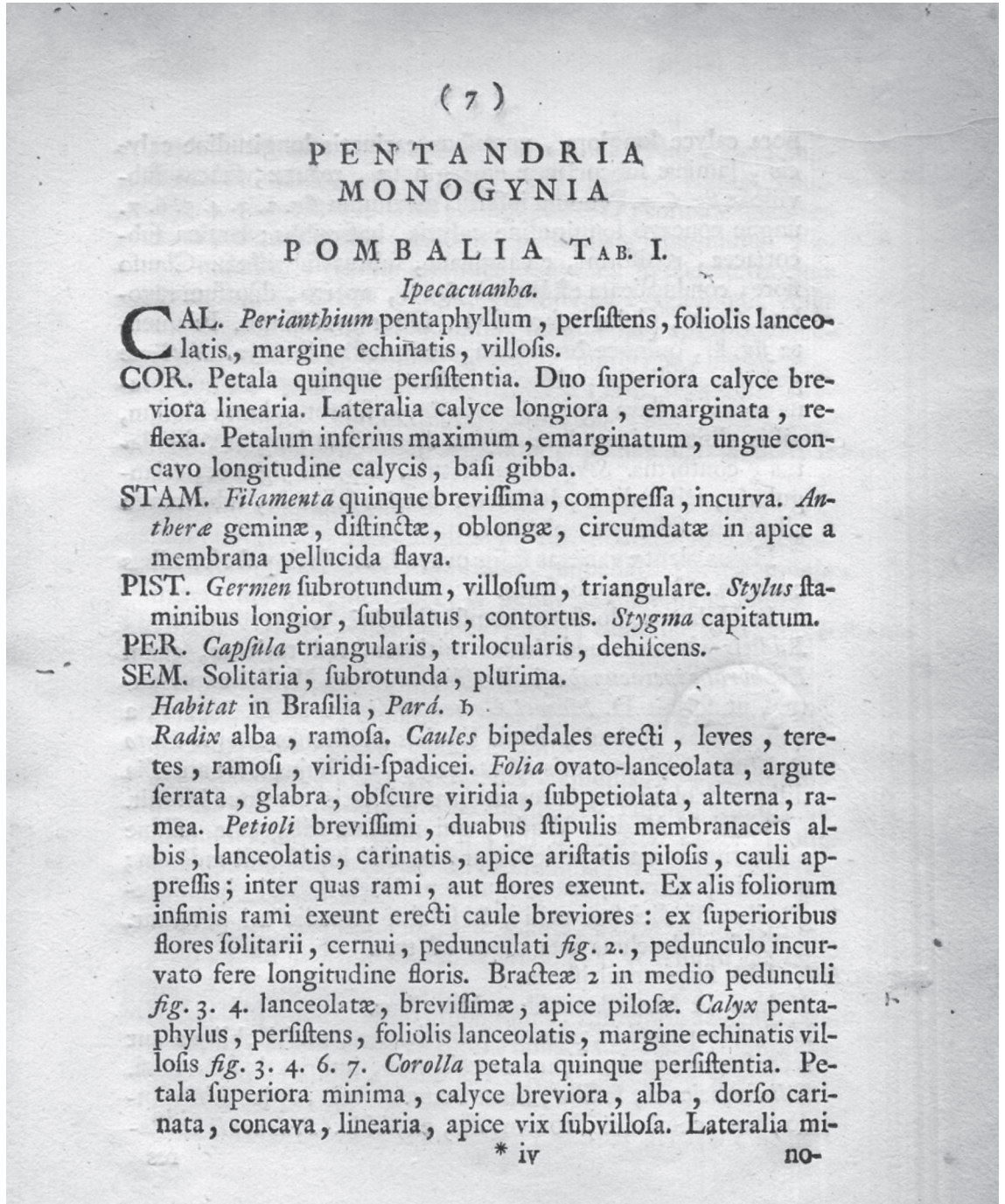


FIGURA 1: Descrição do gênero *Pombalia* de Vandelli (1771a).



FIGURA 2: Figura da *Pombalia ipecacuanha* de Vandelli (1771a).

446



L.

# INSTRUCTIO MUSEI

## RERUM NATURALIUM,

Quam,

SUB PRÆSIDIO,

D: NO DOCT. CAROLI LINNÆI,

Proponit

DAVID HULTMAN.

Uplandus.

*Upsalia 1753. Novemb. 14.*

CAP. I.

§. I.

**S**cientiam Naturalem, quæ cognitionem trium  
Naturæ regnorum complectitur, esse omnium  
Scientiarum utilissimam, & generi humano ma-  
xime necessariam, inde elucescit, quod hominibus  
non aliunde, quam ex his, innumera illa, quibus  
ad vitam transigendam indigent, desumere datum  
est, adeo ut quidquid œconomiae nomine venit, ab  
his dependeat, immo vero nihil aliud toto hoc in  
globo, quæ terra dicitur, in sensus nostros exter-  
nos cadat. Quæ videmus, olfacimus, gustamus,

ten-

FIGURA 3: Primeira página da tese de Hultman (1753), *Instructio musei rerum naturalium*.

D. A. N.

**INSTRUCTIO  
PEREGRINATORIS,**  
QVAM,  
CONSENT. NOBILISS. FACULTAT. MEDICA  
IN REGIA ACADEMIA UPSALIENSI,  
SUB PRÆSIDIO  
VIRI NOBILISS. ET EXPERIENTISS.  
**DN. DOCT. CAROLI  
LINNÆI,**  
ÆQVITIS DE STELLA POLARI,  
S:Æ R:Æ M:TIS ARCHIATRI,  
MEDIC. ET BOTAN. PROFESSORIS REG. ET ORD.  
ACADEM. SCIENT. UPSAL. STOCKHOLM. PETROPOL.  
BEROLIN. IMP. NAT. CUR. LONDIN. MONSPEL.  
TOLOS. ET FLORENT. SOCII,  
*PUBLICÆ CENSURÆ SUBMITTIT*  
**ERICUS AND. NORDBLAD,**  
*GEVALIA GESTRICIUS.*  
IN AUDITORIO CAROL. MAJOR. D. IX. MAJI,  
ANN. MDCCLIX.  
H. A. M. S.

---

**U P S A L I Æ.**

FIGURA 4: Frontispício da *Instructio peregrinatoris* de Nordblad (1759).

Abhandlung  
 von  
 Naturalien-Cabinetten;  
 oder  
 Anleitung  
 wie Naturalien-Cabinette eingerichtet,  
 die natürlichen Körper gesammelt, aufgehoben  
 und conserviret werden müssen.  
 Aus dem lateinischen übersezt, und mit  
 Anmerkungen herausgegeben  
 von  
 C. v. M.




---

Leipzig,  
 zu finden in der Krausischen Buchhandlung in Wien.  
 1771.

BREVES  
 INSTRUCCOES  
 AOS CORRESPONDENTES  
 DA  
 ACADEMIA DAS SCIENCIAS  
 DE LISBOA  
 SOBRE  
 AS REMESSAS DOS PRODUCTOS,  
 E  
 NOTICIAS PERTENCENTES  
 A  
 HISTORIA DA NATUREZA,  
 PARA FORMAR HUM MUSEO NACIONAL.

---

*Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.*

---



LISBOA  
 NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.  
 ANNO M. DCC. LXXXI.  
 Com licença da Real Mesa Censória.

FIGURA 6: Frontispício das *Breves instruções* da Academia das Sciencias de Lisboa (1781).





**FIGURA 7:** O Real Palácio da Ajuda em meados do século XIX.

D. João (futuro rei D. João VI). A pedra fundamental é lançada a 9 de novembro de 1795. Mas a construção do palácio é interrompida em várias ocasiões, principalmente durante as Invasões Francesas (1807) e a transferência da Família Real e da Corte para o Brasil em 1808. Nesse mesmo ano as coleções depositadas no Palácio da Ajuda, principalmente os valiosos exemplares enviados do Brasil por Alexandre Rodrigues Ferreira, foram saqueadas por Étienne Geoffroy Saint-Hilaire, que as levou para o Museu de Paris (*cf.*, Almaça, 1993).

D. João VI só regressou a Portugal em 1821. As obras do Palácio da Ajuda prosseguiram esporadicamente durante o século XIX, mas ele nunca foi totalmente edificado segundo o plano original (Figura 7).

### **CORRESPONDÊNCIA DA CORTE DE LISBOA COM OS VICE-REIS DO BRASIL SOBRE REMESSA DE ANIMAIS PARA AS QUINTAS REAIS**

No Arquivo Público Nacional, no Rio de Janeiro, existe uma coleção, em 31 volumes, da correspondência trocada pela Corte Portuguesa com os Vice-Reis do Brasil no Rio de Janeiro [Tabela 1]. Entre esses documentos, catalogados por Rebello (1901) encontram-se algumas das ordens expedidas para a coleta e remessa de animais brasileiros para as Quintas Reais de Lisboa.

**TABELA 1:** Vice-Reis do Brasil no Rio de Janeiro (1763-1801).

Antônio Álvares da Cunha, Conde da Cunha	27 de junho de 1763 – 31 de agosto de 1767
Antônio Rolim de Moura Tavares, Conde de Azambuja	17 de novembro de 1767 – 4 de novembro de 1769
Luís de Almeida Portugal Soares de Alarcão d'Eça e Melo Silva Mascarenhas, Marquês do Lavradio e Conde de Avintes	4 de novembro de 1769 – 30 de abril de 1778
Luís de Vasconcelos e Sousa, 4º. Conde de Figueiró	30 de abril de 1778 – 9 de maio de 1790
José Luís de Castro, Conde de Resende	9 de maio de 1790 – 14 de outubro de 1806

Assim, temos:

1. Para D. Antônio Álvares da Cunha:
  - 1.1 1763 (15 de agosto) – “Tratando da remessa de passaros para as quintas de S. Magestade (Livro 2, doc. avulso) (Rebello, 1901:2).
  - 1.2 1765 (31 de janeiro) – “Accusando o recebimento da carta de 30 de dezembro de 1763, das relações que a acompanham, dos passaros e das varas de parreiras” (Livro 1A, fól. 60) (Rebello, 1901:5).
  - 1.3 1765 (5 de fevereiro) – “Acusando o recebimento de passaros e animaes remettidos para as quintas de S.M.” (Livro 1A, fól. 83) (Rebello, 1901:7).
  - 1.4 1765 (6 de fevereiro) – “Accusando o recebimento de passaros e pelles de tucanos” (Livro 1A, fól. 89) (Rebello, 1901:8).

2. Para o Marquês de Lavradio:
  - 2.1. 1774 (4 de maio) – “Requisitando, para as reaes quintas, a remessa de alguns passaros chamados – mantas reais – e colhereiros existentes no Rio Grande de S. Pedro” (Livro 3, fól. 53v) (Rebello, 1901:33).
3. Para D. Luís de Vasconcelos e Sousa:
  - 3.1. 1780 (19 de julho) – “Requisitando a remessa de passaros e animaes quadrupedes” (Livro 5, fól. 138) (Rebello, 1901:48).
  - 3.2. 1781 (18 de fevereiro) – “Lembrando a remessa de passaros, animaes, plantas raras e curiosidades pertencentes á historia natural” (Livro 6, fól. 25) (Rebello, 1901:49).
  - 3.3. 1781 (15 de abril) – “Requisitando a remessa de passaros e animaes (Livro 6, fól. 31) (Rebello, 1901:50).
  - 3.4. 1781 (31 de outubro) – “Accusando o recebimento de 16 tucanos conservados e aconselhando a remessa de passaros vivos” (Livro 6, fól. 48) (Rebello, 1901:51).
  - 3.5. 1785 (22 de julho) – “Recommendando a execução do aviso de 26 de abril de 1781, que manda enviar, para as reaes quintas, passaros e animaes desta capitania” (Livro 10, fól. 84) (Rebello, 1901:61).
  - 3.6. 1787 (4 de janeiro) – “Participando a vinda do novo juiz de fóra, o desembargador Balthazar da Silva Lisboa, encarregado de pesquisas relativas á historia natural e do exame da Serra dos Orgãos, accusando o recebimento de 22 caixotes de amostras de madeiras do Rio Grande e Santa Catharina e sete da collecção de conchas, organizada por frei José Mariano da Conceição Velloso” (Livro 12, fól. 3) (Rebello, 1901:64).
4. Para José Luís de Castro:
  - 4.1. 1800 (3 de dezembro). Requisitando aves indigenas, para a Real Quinta de Belém” (Livro 21, fól. 398, Livro 22, fól. 50) (Rebello, 1901:141).

#### **D. LUÍS DE VASCONCELOS E SOUZA – CRIADOR DO “PASSEIO PÚBLICO” E DA “CASA DOS PÁSSAROS” DO RIO DE JANEIRO**

A 30 de abril de 1778 assumia D. Luís de Vasconcellos e Sousa (Figura 8), 4º. Conde de Figueiró, o cargo de 12º. Vice-Rei do Estado do Brasil, que exerceria até 9 de maio (ou 9 de julho) de 1790.

O Vice-Rei, imbuído do espírito do Iluminismo, notabilizou-se por apoiar as artes e ciências e por várias obras que embelezaram o Rio de Janeiro.

Uma delas foi a construção do Passeio Público, que existe até agora, e que abrigou no século XVIII a primeira exposição pública sobre animais feita no Novo Mundo.

Segundo Ladeira (2002):

“Para ornamentar o terraço do Passeio, o local mais freqüentado do parque, Mestre Valentim<sup>4</sup> construiu dois pavilhões quadrangulares que funcionavam como mirantes. Os

<sup>4</sup> Valentim da Fonseca e Silva. Segundo Macedo (1876:267-269): “Falleceu neste dia [1 de março] do anno de 1813 na cidade do Rio de Janeiro Valentim da Fonseca e Silva geralmente conhecido pelo *mestre Valentim*. Nascera em Minas-Geraes: seu pae, um fidalgo portuguez contratador de diamantes, teve-o de uma pobre mulher brasileira, e levou-o para Portugal ainda em tenra idade, e ahí começava á educal-o. Valentim voltou para o Brazil, quando lhe sorria a juventude; porque, perdendo seu pae, os parentes o mandáráo transportar para o Rio de Janeiro. Pobre, abandonado; mas laborioso, cedendo á mais decidida vocação entregou-se ao estudo da arte toreutica com o entalhador que fez as primeiras obras da Ordem terceira do Carmo, as quaes depois concluiu em parte; porque em breve se tornára habilíssimo artista. O mestre Valentim celebrou-se: seu grande amor ao trabalho igualava apenas a facilidade na invenção. Á elle corrião todos os artistas do Rio de Janeiro, principalmente os ourives e lavrantes para obter desenhos e moldes de banquetas, círiães, lampadas, custodias, frontaes, salvas e quanto exigia luxo e gosto. As lampadas de prata ainda hoje admiradas nas igrejas de S. Bento, Carmo, e de Santa Rita forão por elle desenhadas e modeladas. Toda a obra de talha da igreja da Cruz, os ornatos da sacristia da de S. Francisco de Paula e outros do mesmo genero forão do inspirado artista. O vice-rei Luiz de Vasconcellos teve no mestre Valentim o seu braço direito (como dizia) para as obras que fez executar. O chafariz que hoje se vê no meio da praça de D. Pedro II (largo do Paço d’antes chamado), foi obra do mestre Valentim. Ardendo na noite de 24 de Agosto de 1789 o recolhimento do Parto, o mesmo mestre o reedificou em trez meses e dezeseite dias, dando admiravel prova de actividade e intelligencia, protestando com tudo contra o desenho do antigo edificio que foi obrigado á respeitar. Luiz de Vasconcellos deveu-lhe mais e muito melhor do que essas duas obras, e Valentim á elle no *Passeio Publico* do Rio de



FIGURA 8: Dom Luís de Vasconcelos e Souza, 12º. Vice-Rei do Brasil (Óleo sobre tela de Leandro Joaquim).



FIGURA 9: “Pesca da baleia na Baía de Guanabara”, tela de Leandro Joaquim (Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro).

pavilhões ficavam situados nas extremidades do belvedere e eram decorados nos cantos com vasos de mármore. Desses vasos saíam abacaxis de metal, fundidos por Mestre Valentim nas fornalhas da Casa do Trem.

A decoração interior dos pavilhões ficou a cargo de dois famosos artistas cariocas do século XVIII: Francisco Xavier Cardoso Caldeira, o Xavier dos Pássaros<sup>5</sup>, e Francisco Xavier dos Santos, o Xavier das Conchas. Nas paredes de ambos os pavilhões encontravam-se os célebres painéis elípticos pintados por Leandro Joaquim<sup>6</sup>.

---

Janeiro; porque a gloria repartio-se entre o fundador e o architecto. Por ordem do vice-rei uma lagoa (chamada do *Boqueirão*) foi aterrada á custa de um monte denominado das *Mangueiras*; no lugar do monte está a rua que conserva o seu nome: e sobre o terreno artificial do Boqueirão alargou-se e alindou-se o Jardim Publico, que terminava como ainda hoje em espaçoso terraço sobre o mar. Valentim deu o risco e os modelos de toda a obra architectonica, deu os desenhos para todos os ornatos, e na pequena cascata que fica entre as duas escadas centraes do terraço além de outros primores que se perderão, collocou os dous *jacarés* cuja fundição dirigio em pessoa. Na quase completa e apurada transformação porque passou o Jardim Publico sobre os planos e execução do habil Sr. Glaziou a cascata e os jacarés do mestre Valentim forão respeitadas e se conservarão como preciosidades artisticas. O grande mestre concluiu a *Passeio Publico* em quatro annos, e quasi ao mesmo tempo o chafariz das Marrecas com as estatuas de Echo e Narcizo, que parecem erguidas sentinellas á guardal-o. Entre muitos outros louvados trabalhos desenhou Valentim os modelos de dous apparatus de porcellana fabricados por João Mano, chamado o chimico, com o kaolim da ilha do Governador, os quaes forão applaudidos em Lisboa. A mais competente das autoridades, o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, actual barão de S. Angelo, lavrou sobre o mestre Valentim o seguinte juizo: ‘Foi um grande artista, homem extraordinario para o Brazil daquelle tempo e para o de hoje e o seu nome deve ser venerado’”. Ver também Cavalcanti (2004:310-313). Carvalho (1999) publicou uma monografia sobre Mestre Valentim, com illustrações de suas magníficas obras.

<sup>5</sup> Para uma sucinta biografia de Francisco Xavier Cardoso Caldeira e Francisco Xavier dos Santos, vide Boiteux (1918), Johanny (1911) e Macedo (1862-1863).

<sup>6</sup> Leandro Joaquim (Rio de Janeiro, c. 1738-c. 1798) foi pintor, cenógrafo e arquiteto. Estudou pintura com o pintor colonial João de Sousa. Pintou muitas telas de temática religiosa para igrejas do Rio de Janeiro e alguns retratos. Sua obra mais famosa são as telas elípticas pintadas para decorar um dos pavilhões do Passeio Público. Seis dessas telas sobreviveram, distribuídas hoje entre o Museu Nacional de Belas Artes e o Museu Histórico Nacional. Seus temas são: Cena marítima, Pesca da baleia na baía de Guanabara (no Museu Histórico Nacional; a tela mostra baleias que na época ainda se encontravam na baía de Guanabara (Figura 9), Procissão marítima ao Hospital dos Lázarus, Revista militar no Largo do Paço, Vista da Igreja da Glória e Vista da Lagoa do Boqueirão e dos Arcos da Carioca.

O pavilhão decorado por Xavier dos Pássaros teve o teto revestido por trabalhos de conchas e ornamentado nas cornijas por penas e desenhos de pássaros. As paredes desse pavilhão exibiam painéis de produtos da terra. O pavilhão de Xavier das Conchas, por sua vez, apresentava, ao redor das cornijas, figuras de peixes, executadas com pequenas conchas. Os painéis desse pavilhão retratavam cenas marítimas e cotidianas do Rio de Janeiro.

Em 1792, John Barrow, a caminho da Cochinchina, aportou no Rio. Barrow visitou o Passeio Público e registrou em seu diário que os pavilhões guardavam 16 painéis elípticos, retratando cenas do porto e os produtos nativos do Brasil, como minas de diamante e ouro, a cana-de-açúcar, o anil, a cochonilha, a mandioca, o café, o arroz e o cânhamo<sup>7</sup>. (...).

Outro viajante inglês, George Staunton, aportado no Rio também em 1792, acrescentou outros dados à descrição dos pavilhões do Passeio feita por Barrow. Segundo Staunton, as telas do pavilhão das penas eram mal-executadas e maiores que a do pavilhão dos peixes<sup>8</sup>. (...).

<sup>7</sup> Lemos em Barrow (1806:81-83): "Another object of utility, in which the health and the amusement of the public have been consulted, is the *Paseo Publico*, or garden for public promenade. This piece of ground is laid out in shrubberies, lawns, walks, and parterres. Bowers are erected here and there, round with the jasmine, the clematis, and the passion flower intertwine their creeping branches. We observed several native plants of great beauty; but a vehement desire seemed to prevail of cultivating, in preference, those of Europe, notwithstanding their sickly and diminutive appearance, contracted in a climate so unsuitable to their constitution. But the most contemptible object in the garden was a miserable representation of the papaya tree in copper, of its natural size and painted green, whilst the real plant, growing close beside it in all the exuberance of tropical vegetation, laughed to scorn its stiff and deformed mock brother. A broad terrace walk at the lower end of the garden, overlooking an arm of the harbor, commands a delightful view of its rising shores, which are every where fringed with coppice. At each end of the terrace is a neat square building, whose walls within are covered with paintings. As specimens of art, they are not entitled to much notice, but the subjects are far from being uninteresting. The views, in one of these buildings, are entirely confined to detached parts of the harbor: the ceiling is covered with devices in shell-work; and round the cornices are representations of fish, peculiar to the country, worked in small shells. The ceiling of the other building contains similar devices wrought in feathers; and figures of many of the native birds are arranged round the cornice, each clothed in its proper plumage. On the walls of the latter are eight paintings, descriptive of what were then considered as the eight most important productions of the Brazils. They consist of:

1st. *A view of the diamond and gold mines*, which were first discovered about the beginning of the eighteenth century, and the most productive of which are at *Villa Rica*, about 200 miles behind Rio de Janeiro.

2d. *View of a sugar plantation and mill for bruising the canes*; an article which is not much cultivated in the neighbourhood of Rio, being considered as more suitable for those districts lying nearer to the equator. The few mills which we saw were a rude construction, turned generally by a pair of small horses, and the canes passed between three wooden rollers; and such they appeared in the painting.

3d. *The culture and preparation of indigo*. Although this plant grows well and thrives without much attention, the preparation of the dye is simple, and requiring no great expence of labour, yet the small quantity that is produced will scarcely entitle it to be considered as an important article of commerce.

4th. *A plantation of the Cactus Opuntia, with the mode of preparing cochinille from the insect*. There can be no question that this article, so valuable in the arts and manufactures, might be cultivated in the Brazils to as great an extent as in Mexico, whereas the quantity raised at present is exceedingly trifling.

5th. *The different preparations of manihot*. This plant is cultivated chiefly for the subsistence of the slaves. The cassava bread so common in the West India islands, and the substance which is sold in the shops of London under the name of tapioca, are the produce of its long tuberous roots; and they make from it a hair-powder as white as snow. It is propagated from cuttings, and the root is rasped into a powder by wheels that are covered with dentate metallic plates.

6th. *View of a coffee plantation*. The cultivation of this article seemed to be on the increase; and there can be no doubt that the loss of St. Domingo to France will contribute greatly to the encouragement of its propagation in the Brazils.

7th. *View of a rice plantation*; which, as the most productive of all grain, is abundantly cultivated in all the northern provinces.

8th. *View of a plantation of hemp, and its manufacture into cordage*. This article is chiefly cultivated in the southern districts near the island of St. Catherine, but hitherto has met with little encouragement".

<sup>8</sup> O texto original de Staunton (1797:162-164) é o seguinte: "Among the more innocent pleasures of both sexes were operas, plays, and masquerades, except when suspended on account of the indisposition of the queen of Portugal. Company often met at a public garden situated by the sea side, and at one extremity of the town. This garden was laid out in grass plates, shrubberies, and parterres, interspersed with spreading trees, together with arched alcoves or bowers of wooden framework, painted green, and decorated with passion-flowers, jessamines, and other fragrant plants. In these recesses, during the dry season of the year, the gay society of Rio, after taking exercise in the evening in the walks, and often after hearing songs and music, sat down to partake of banquets, accompanied, sometimes, by music and fire-works; and the company in this manner often protracted their pleasures far into the night. Towards the middle of the garden was a large fountain of artificial rock-work, with figures of two alligators, of no mean sculpture, spouting water into a marble bason, in which aquatic birds, well imitated in bronze, appeared sportively indulging themselves. At a little distance from this fountain was another imitation, which seemed a work of supererogation, Much expence and labour were employed to represent, in copper, painted green, the papaya tree, a vegetable natural to the climate, and of easy and quick growth.

(...).

Segundo a descrição de John Luccock, de 1808, os pavilhões possuíam quatro janelas envidraçadas e duas portas de dobrar. O teto era em forma de pirâmide octogonal e nas paredes ficavam os painéis (Figura 11). Luccock descreveu todas as telas com cenas do Rio, inclusive as duas hoje desaparecidas: o incêndio de uma grande nau holandesa e a entrada da barra<sup>9</sup>.

---

On the side of this garden next the sea was a terrace of granite, in the middle of which was also a fountain, with a marble statue of a boy holding in one hand a bird, from whose bill water gushed into the bason underneath, while from the other hung a label, with the following words, *sou util ainda brincando*, implying his being useful even in his playfulness.

At the extremities of the terrace were two neat square buildings like what in England are called, summer-houses. In one, the walls were decorated with paintings representing views of the harbour, and particularly of the whale fishery that used to be carried on within it, until the large black whale, which formerly frequented it, was disturbed and driven away, in consequence of the increased concourse of shipping. The ceiling of this summer-house was ornamented with various designs, and the cornice exhibited several species of fish peculiar to the country, all in their proper shades and colours, the whole in shell-work. The ceiling of the other building was composed of devices wrought in feathers; and along the cornices were portrayed the most beautiful of the birds proper to the Brazils, curiously arranged in their natural plumage. On the walls were eight large paintings, ill executed indeed, but descriptive of the principal productions to which that country was indebted for its opulence, including views of the diamond and gold mines, shewing the manner in which they were worked, and the objects of their search separated from the earth in which they were originally enveloped; of the cultivation of the sugar cane, with the processes of extracting its juice, and granulating it into sugar; of the manner of collecting the small animals which produce the cochineal, and preparing the rich dye from them; of the culture of the manioc, with the process of making cassada, which is the root of that plant after the poisonous juice it contained is expressed from it, and tapioca, which is the fine sediment deposited at the bottom of the same venomous juices, after being suffered to settle for some time; and of the culture and preparation of coffee, rice, and indigo. In this garden, which was called the *passao* [sic] *public*, were exhibited shews for the amusement of the people; and its destination to promote the health and pleasure of the inhabitants was expressed on two granite obelisks in the walks; on one of which were engraved the words, *a saude* [sic; *saudade*] *do Rio*; and on the other, *o amor do publico*."

<sup>9</sup> Luccock (1820:87-89): "The Public Gardens, though small, perfectly level, laid out in a very formal style, and most negligently kept, claim the pre-eminence among the few places of amusement in Rio. The entrance to this favourite retreat is from the Rua das Marrecas, through a handsome gate (Figura 10), above which is a medallion of the Queen, and her late husband, Don Pedro. In front of this gate, the principal avenue extends to a terrace on the opposite side of the gardens, raised about ten feet above the natural ground. Before it is a mass of grotto work, covered with verdure, among which are entwined in each other's fold, two bronze alligators, about eight feet long. They discharge water from their mouths, and seem jut about to plunge into a stone reservoir, in which it is received. From hence the water is conveyed into two other basins, level with ground, one on each side of the avenue, behind which are long stone seats, overshadowed by very fine trees, and plants supported by lattice work, where, under the shelter of the Passion-flower, the sun-burnt Brazilian enjoys the luxury of fresh air. Just by, arise two slender pyramids of granite, of good proportions, well wrought, and bearing suitable inscriptions. At either side of the esplanade is a broad flight of steps; near the top of that on the left hand, is a small statue of a flying and laughing cupid, who holds by its foot a land tortoise, through the body of which, water is discharged into a granite bucket below, furnished with a ladle, and inviting the thirsty to drink. On a label, loosed twined round the right arm, is painted an allusive motto, – 'Ainda brincando sou utile [sic]' – Though playing I am useful. The quaintness of the sentence, the countenance of the figure, and the refreshment derived from his proffered beverage, universally please, and often excite a smile.

The Terrace is nearly a hundred yards long, and proportionably broad, paved with a coarse chequer work of different coloured granites, and accommodated with seats. Toward the sea it has a parapet, on which are pots holding plants and flowers; toward the garden a well-wrought stone balustrade. At each end is a small square summer house, highly ornamented with painting and gilding. Their internal form is octagonal, with four glazed windows, and a pair of folding doors. The principal furniture is an old-fashioned gilded chair in each division, the one farthest from the door being raised on a low platform, affording formerly a sort of throne for power and distinction. The dome is an octagonal pyramid, on the sides of which, as well as in the upper part of the compartments below, are pictures. Those in one of the buildings represents the produce and manufactures of the country; plantations of indigo, cotton, and sugar, of mandioca and milho, the harvests of each, and the various modes and machines, by which they are brought to a marketable state. In the other are pictures of Rio scenery, and of some great events in the history of the city; of the entrance of the harbour, as it appears from that spot; of the manner of catching whales in the harbor, before they deserted it; of the land view; and of the state of the place, previous to the formation of the gardens. In this picture, the most remarkable objects are the convent of St.a Thereza, the old white house, whence the inhabitants of the city are nick-named Caraocas [sic], and the arches of the aqueduct, under which a considerable stream is flowing. An ox is represented as passing through the stream, and shows the channel to have been about knee-deep; such I have learned was the actual state of the place about the year 1750, then covered with water; now occupied by these gardens and several good streets. Another of the compartments represents a naval engagement as taking place in the bay, the scenery of which cannot be mistaken; it is certainly Rio de Janeiro, but the enemy's vessel carry Dutch colours, and I know of no fleet in the history of the place, to which this circumstance can possibly apply. I suspect that, by a little tissue of falsehood and flattery, to which the Caraocas [sic] are by no means averse, they intended to appropriate to themselves the honours of Bahia. The last division of the dome represents the burning of a large Dutch vessel; boats are towing her off from the rest of the shipping, which are placed behind the Ilha das Cobras; she is coming round the Eastern part of that island, and must be near the Ilha dos Ratos. On the Western side of this latter rock lie, at this day, the keel, stern and stern-posts, and some of the futtocks of a ship, which are said to be the remains of the identical vessel. The wreck, covered with barnacles, may be approached in still weather without danger, though almost surrounded by rocks".



FIGURA 10: Entrada do Passeio Público (Theorem, 1835).

Os pavilhões, arrasados pelas constantes ressacas, foram definitivamente demolidos em 1817. Com a demolição, o terraço do Passeio foi ampliado. Os abacaxis de ferro confeccionados por Valentim desapareceram, assim como mais da metade das telas de Leandro Joaquim. Em 1841 foi realizada uma grande reforma no Passeio, quando são erguidos no terraço dois novos pavilhões, substituindo os dos tempos de Valentim. Esses pavilhões foram demolidos quando da construção do Teatro-Cassino Beira Mar”.

A D. Luís de Vasconcelos pode igualmente ser atribuída a glória de ter criado, no Rio de Janeiro, o primeiro museu de história natural do continente americano – a chamada “Casa dos Pássaros”.

Diz Pataca (2006:269-271), em sua excelente tese de doutorado:

“Em 18 de Fevereiro de 1781, Martinho de Mello e Castro<sup>10</sup> recomenda a Luís de Vasconcelos e Souza, *‘a remessa de toda sorte de passaros, e aves, para os viveiros das Reaes Quintas’*<sup>11</sup>. A remessa de aves vivas para a Corte passou a ser constante durante o final do século XVIII, cujos animais não tinham somente um interesse científico, mas serviriam para adornar os jardins e viveiros das Quintas Reais que estavam sendo construídas em Lisboa e suas imediações, como o palácio da Ajuda e de Queluz. No período foram remetidos pássaros vivos de diversas regiões do império português.

Cumprindo as ordens Reais, em 21 de Abril de 1782 foi feita uma remessa de pássaros vivos, acompanhada de uma carta do Vice-Rei, onde é narrada a dificuldade em mantê-los vivos durante a viagem de travessia<sup>12</sup>. Apesar destas dificuldades, um mês depois os produtos de história natural chegaram bem acondicionados a Lisboa, recebendo a

<sup>10</sup> Martinho de Mello e Castro (1716-1795) foi Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar do Reino de Portugal, de 1770 até sua morte.

<sup>11</sup> Carta de Martinho de Melo e Castro para Luís de Vasconcelos e Souza, 18 de Fevereiro de 1781. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, Códice 572, p. 85.

<sup>12</sup> Souza, Luís de Vasconcelos e, Correspondência com a Corte, ativa e passiva. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 4, 4, 4, n. XX.

aprovação Real e dos naturalistas do Museu da Ajuda: *‘As remessas que V. Ex<sup>a</sup> tem feito por diferentes navios, que tem chegado ao Porto dessa cidade, assim dos passaros, como das outras curiosidades, tem merecido a Real aprovação de Sua Magestade, que manda louvar a V. Ex<sup>a</sup> o zelo com que tem feito empregar nesta diligencia, as pessoas que forão encarregadas della’*<sup>13</sup>.

Para aumentar a resistência dos animais e, conseqüentemente, o número de animais vivos que chegavam a Lisboa, Xavier dos Pássaros passou a acondicioná-los e a tratá-los no Rio de Janeiro. Antes de embarcarem em travessias tão demoradas e muito insalubres, os pássaros eram tratados com pouca comida para aumentarem sua resistência e sobreviverem à travessia oceânica: *‘Á forsa do cuidado, e da habilid<sup>d</sup> de Fran<sup>co</sup> X<sup>r</sup> Cardozo Caldeira, tenho conservado entre hum excessiva numero, q<sup>’</sup> tem morrido, cem d’estes Passaros costumados a comer dos mantim<sup>tos</sup> mais vulgares, e q<sup>’</sup> melhor podem sustenta-los em tão longa viagem’*<sup>14</sup>.

Apesar do grande interesse pelas aves, Xavier dos pássaros também preparava outros tipos de animais, dentre eles borboletas que exerciam um enorme fascínio na Corte. Em 1783 Luís de Vasconcelos envia para Lisboa uma coleção de borboletas que Xavier dos Pássaros *‘preparou e athé foi o inventor da caixa, q<sup>’</sup> levantando-se-lhe todos os feixos q<sup>’</sup> tem nos cantos, e no meio, se dezarma ficando em hũa taboa Raza p<sup>a</sup> bem se ver o q<sup>’</sup> Nella se contem’*<sup>15</sup>. As descrições pormenorizadas da caixa que acondicionava a coleção revela o interesse da época na invenção de caixas que possibilitassem o melhor transporte e preservação dos espécimens. Xavier dos Pássaros, além de ser ótimo preparador de animais, também se mostrava um bom inventor, habilidade complementar ao seu ofício manifesta na necessidade de transporte e apresentação das coleções.

As coleções de Xavier dos Pássaros foram muito elogiadas na Corte, tanto pelos naturalistas do Jardim Botânico da Ajuda, quanto por Martinho de Mello e Castro. Assim que chegavam a Lisboa, as coleções eram imediatamente remetidas para a Ajuda, onde eram acondicionadas e onde os naturalistas emitiam pareceres e orientações para remessas futuras<sup>16</sup>, como em 1784 quando o parecer da Ajuda guiava coleta e preparação de animais do Rio de Janeiro: *‘com igual prevenção vierão os pasaros, peixes e animaes da forma q<sup>’</sup> de nenhũa parte tem vindo tão perfeitos, bem mostra a diligencia, e cuidado de q<sup>m</sup> recolhe, e prepara os d<sup>os</sup> productos’*<sup>17</sup>.

Dezesseis anos após a criação do Museu do Palácio da Ajuda, D. Luís de Vasconcelos cria em 1784, como dissemos, o mais antigo museu de história natural das Américas, no Rio de Janeiro. Segundo Ladislau Netto (1870:11-16):

“Luiz de Vasconcellos, ilustrado e bondoso vice-rei do Brasil, que tanto se interessou pelo engrandecimento e salubridade do Rio de Janeiro, não menos attento ao movimento litterario e scientifico do velho continente que apreciador do magnifico paiz que lhe havia sido confiado, resolveu fundar [em 1784], á beira da pequena lagôa chamada do [sic] Panella, em cujo local se achão hoje edificadas a matriz da freguezia do Sacramento e parte das ruas contiguas, um museu de historia natural que (...) seria ainda hoje um bello ornamento para a nossa capital\* (\*Esse começo de musêu, construido sob as vistas

<sup>13</sup> Carta de Martinho de Melo e Castro para Luís de Vasconcelos e Souza. 27 de Maio de 1782. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, Códice 572, p. 127.

<sup>14</sup> Carta de Luís de Vasconcelos e Souza para Martinho de Melo e Castro. Rio de Janeiro. 16 de Fevereiro de 1785, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 4, 4, 7, n. VII.

<sup>15</sup> Carta de Luís de Vasconcellos e Souza para Martinho de Melo e Castro sobre os exames de história natural. Rio de Janeiro, 17/6/1783. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 4, 4, 5, n. XXIV.

<sup>16</sup> Carta de Martinho de Melo e Castro para Luís de Vasconcelos e Souza. 27 de Maio de 1782. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, Códice 372, pl. 127.

<sup>17</sup> Parecer dos naturalistas do Jardim Botânico da Ajuda sobre as coleções recebidas do Rio de Janeiro, em anexo a uma carta de Martinho de Melo e Castro a Luís de Vasconcelos e Souza. 1784. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 4, 4, 6, n. IX.



do proprio Luiz de Vasconcellos pelos sentenciados das prisões do Rio de Janeiro, chegou á ter vivos n'uns cubiculos que lhe fizerão: um urubú-rei, dous jacarés e algumas capivaras que forão remetidas depois para o Musêu de Lisbôa).

A caza terrea em que se fundou aquelle gabinete zoologico, e que existia ainda em 1811, era chamada por isso officialmente: a Caza de historia-natural e geralmente no dizer do povo: a *Caza dos Passaros*.

Toda a parte occidental da larga bacia em que se acha edificada a capital do Imperio era uma quasi restinga, invadida aqui e alli nos preamares pelas aguas do oceano, – região meio mar, meio terra – aonde, espaçadas, encontravão-se apenas raras habitações.

O mar, como usurario zeloso de seus antigos e extensos dominios, ia abandonando, porém, máu grado seu, aos incolas invasores, todo esse territorio que em grande parte lhe pertencia ainda nas enchentes, e como, por isso, não pequenas e poucas lagôas lhe ficavão servindo de vestigios, des do actual matadouro, por onde entrava, até o campo de Sant'Anna, as aves aquaticas que ora povóão os alagadiços da Praia-Formosa, vinhão então sem receio, adejando, de vôo em vôo, até pousarem no lago visinho á *Caza dos Passaros* de cujas janellas caçavão-nas á tiros os seus preparadores.

Com o titulo de inspector, foi encarregado da direcção e trabalhos d'aquelle improvisado museu, Francisco Xavier Cardoso Caldeira que bem pôde ser apontado como o primeiro representante da admirável predisposição dos naturaes de Santa Catharina para



FIGURA 11: Aspecto do Passeio Público (Bertichem, 1856).

a confecção de objectos artisticos de conchas, de pennas e de escamas com que hão adornado as exposições industriaes havidas ultimamente no Rio de Janeiro.

Releva, porém, não confundirmos este habil preparador com o afamado *Xavier das Conchas*, seu contemporaneo e cremos que seu amigo tambem; est'outro era essencialmente um obreiro da arte, em quanto aquelle o era, da sciencia.

(...).

Ao inspector Francisco Xavier dos Passaros, fôrão reunidos dous ajudantes, tres serventes e dous caçadores (...).

Os honorarios de Francisco Xaver, pouco inferiores á um conto de réis, em moeda de então\* (\*Quinhentos e querenta mil réis fôrão os vencimentos que lhe fixarão: concedendo-se-lhe mais, como gratificação, a quantia de quatrocentos mil réis para retribuir-lhe as lições praticas que desse aos rapazes que se quizessem dedicar á taxidermia), (...) accrescendo ainda que áquelle simples preparador de zoologia (...) dava-se além da habitação no proprio estabelecimento, 60 feixes de lenha por mez, 2 arrôbas de vélas de cêra e 12 medidas de azeite doce por trimestre\* (\*As vezes, quando a caçada havia sido copiosa trabalhava-se até depois da meia-noite para poder-se aproveitar as pelles antes que apparecessem os symptomas da putrefacção nos animaes, e nesses dias todos tornavão-se preparadores, inclusive os serventes que erão caboclos escolhidos no Arsenal de Marinha).

(...).

Cêrca de 20 annos depois da criação da Caza de Historia-natural, falleceu Francisco Xavier dos Passaros, deixando na memoria de seus compariotas, como na própria antiga metropole tambem, a fama que deixa na terra uma intelligencia productiva e uma honestidade immaculada.

Já por então ninguém curava mais do projectado e principiado museu do campo da Lampadoza ou da lagoa da Panella. Á Vasconcellos, – o illustre e bondoso Vasconcellos, havia succedido no governo do paiz o atrabiliario Conde de Rezende, como á um dia purissimo dos tropicos succede ás vezes, por tempos procellosos, noite melancolica e sombria.

A nomeação em 1810 do Dr. Luiz Antonio da Costa Barradas<sup>18</sup>, para o lugar de Francisco Xavier veio coincidir infelizmente com a extincção da Caza dos Passaros, destinada desde logo para uma officina provisoria de lapidaria. A louvavel criação de Luiz de Vasconcellos tinha dado o primeiro passo para o despenhadeiro: não havia mais parar naquelle plano inclinado por sobre o qual descia precipite ao fundo do abysmo.

Todas as collecções pertencentes á Caza de historia-natural forão mettidas em caixões e entregues á vigilancia *extra-muros* dos dous ajudantes de Costa Barradas, os quaes nunca mais lhes poserão os olhos no quarto onde as havião emparedado e cuja entrada lhes foi formalmente vedada.

<sup>18</sup> Natural de Coimbra, Portugal, Luiz Antonio da Costa Barradas doutorou-se em Filosofia pela Universidade da mesma cidade. Em 1806 foi o naturalista designado pela coroa portuguesa para uma viagem científica à capitania de Pernambuco, instruída por José Bonifácio. Quatro anos mais tarde, com a morte de Francisco Xavier Caldeira Cardoso, o "Xavier dos Pássaros" foi nomeado Inspetor da Casa de História Natural, também conhecida como "Casa dos Pássaros", instituição criada em 1784 pelo vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Sousa para a guarda, preparação e envio a Portugal de produtos naturais – minerais, plantas, animais e adornos indígenas – recolhidos pelas expedições científicas. Com o fechamento da Casa dos Pássaros, ainda em 1810, Barradas tornou-se capitão do Real Corpo de Engenheiros e professor de Física da Academia Real Militar, recém-criada. Nomeado oficial da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha em 1816, foi ainda diretor da Sociedade Literária do Rio de Janeiro. Em 1845 foi nomeado juiz de paz da freguesia de São João Batista, além de assumir três anos mais tarde como subdelegado de polícia. Condecorado com os títulos de comendador da Ordem de Cristo e cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa. Faleceu em 1862, na cidade do Rio de Janeiro.

Era o sarcophago em que houverão por bem sepultar os restos mortaes d'aquelle mal vingado e tão cedo asphixiado começo do nosso primeiro musêu.

Pouco tempo depois tendo-se encarregado o General Napion<sup>19</sup> de vir caridosamente exhumar-os, – na cabal accepção do verbo – apenas achou em estado de imperfeita conservação cerca de cincoenta exemplares dos mil pássaros e dos muitos outros animaes, que tinham sido alli depositos. Por sua iniciativa e illustrada coadjuvação, forão elles conduzidos ao Arsenal do Exercito (hoje da Guerra) e conservados naquelle estabelecimento d'envolta com uma bella collecção mineralógica e alguns instrumentos physicos destinados aos estudos praticos dos alumnos da antiga Academia Militar.

Mais tarde, no anno de 1816 (...), como fosse inconveniente, para os estudantes a distancia em que se achava collocado este pequeno gabinete de sciencias physicas e naturaes, confiado então á direcção do proprio lente de mineralogia, Fr. José da Costa Azevedo<sup>20</sup>, transportarão-no para a Academia, ficando apenas no Arsenal o resto da collecção ornithologica da antiga Caza de historia-natural\* (\*Pelos documentos que temos consultado parece-nos que tal era o estado destes passaros que achou-se mais conveniente inutilisal-os mais ou menos por esse tempo; certo é que não vieram para o Musêu [Real] com os armarios e instrumentos que se achavão no Arsenal de Guerra”).

#### INSTRUÇÕES PARA A REMESSA DE ANIMAIS DE SANTA CATARINA PARA A CASA DOS PÁSSAROS E O MUSEU DO PALÁCIO DA AJUDA (1791)

Um precioso documento, apesar de curto, intitulado “Compilação dos objectos mais essenciaes e permanentes de que está encarregado o commandante do Rio de S. Francisco Xavier, como há de constar das ordens que existem no archivo do mesmo commando: e alguns apontamentos de instrucção para regular a sua conducta no mesmo commando”<sup>21</sup> (cf., Ramos [1791] 1848:487-490), foi ofertado ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil por Manoel Ferreira Lagos<sup>22</sup>.

Além de listar os animais que deveriam ser coletados e os produtos de origem animal com valor comercial, contém interessantes detalhes (técnicas de preparação e acondicionamento para remessa, preço pago pelos exemplares, fornecimento de pólvora etc.), além de insistir no cuidado de preservar as populações de guarás, não consentindo que “matem os filhos que ainda não estão bem empennados”. Certamente essa solicitação de material zoológico foi sugerida por Xavier dos Pássaros, nativo de Santa Catarina, citado várias vezes no documento,

<sup>19</sup> Carlos Antônio Napion (Turim, 30 de outubro de 1757 – Rio de Janeiro, 22 de junho de 1814) foi um químico piemontês que lutou contra os franceses e foi para Portugal a convite de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, alistando-se no exército. Acompanhou José Bonifácio de Andrade e Silva em 1800, por sua viagem de inspeção mineralógica a Estremadura e à Beira. Em 1807 foi feito brigadeiro, passando a exercer altos cargos como Inspetor Real do Exército e das oficinas e laboratórios de instrumentos bélicos. Acompanhou ao Brasil a corte portuguesa, quando da sua fuga em 1808. Continuando sua carreira militar, chegou a marechal-de-campo e a tenente-general. Foi Inspetor Geral da Artilharia e membro do Conselho Supremo Militar, tendo criado uma fábrica de pólvora na fazenda da lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. O seu nome está ligado à Academia Militar das Agulhas Negras, inaugurada como Academia Real Militar, da qual foi o primeiro comandante. Napion é o patrono do Quadro de Material Bélico do Exército Brasileiro.

<sup>20</sup> Frei José da Costa Azevedo (Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1763 – 7 de novembro de 1822) foi professor em Portugal e membro da Academia de Ciências de Lisboa. Fez o curso de Humanidades no Colégio dos Nobres em Lisboa. Coursou depois Teologia na Universidade de Coimbra, onde frequentou também os cursos de filosofia e ciências naturais. Foi convidado pelo Bispo Azeredo Coutinho para assumir a cadeira de filosofia, tendo ensinado no Seminário de Olinda entre 1800 e 1810. Voltou ao Rio de Janeiro quando a Academia Militar foi criada em dezembro de 1810. O Conde de Linhares convidou-o a participar dessa Academia, sendo, em 1818, nomeado professor de mineralogia e administrador do Gabinete dos Produtos de Mineralogia e História Natural dessa instituição, tendo depois sido o primeiro diretor do Museu Real (o atual Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro) no período de 1818-1822. Foi autor das obras *Dissertação chimica sobre a natureza do ar atmosferico que se respira na cidade de Olinda e na Villa do Recife de Pernambuco* (1802), *Reflexões sobre os systemas de fortificação abaluartada* (1822), *Memoria philosophica sobre o clima do Rio de Janeiro e Elementos de mineralogia, segundo o methodo Werner* (Almeida, Magalhães, Câmara & Silva, 2008:488-489; Neves, 1992:17; Oliveira, 2005:90).

<sup>21</sup> Documento datado da “Villa de Nossa Senhora da Graça [do Rio São Francisco = São Francisco do Sul, SC], 1º. De Março de 1791. – José de Castro Ramos, alferes”.

<sup>22</sup> Para uma biografia de Manoel Ferreira Lagos, veja-se Pacheco (1995).

que mantinha contato com as autoridades dessa Capitania; além disto, as certeiras instruções para a conservação do material e certos conhecimentos de biologia só poderiam ser devidas a um naturalista experiente.

Na seqüência transcrevemos esse documento.

“*Perolas.*”

Deve ter actualmente quatro soldados do destacamento empregados em extrahir as perolas dos mariscos denominados *sururus*<sup>23</sup>, que se acham no lôdo dos mangues, e fazer que no fim de cada oito dias elles dêem conta das que acharem, as quaes separadas se devem embrulhar em papel com os rótulos – Bairro de Saguasú, Rio das Arêas, etc. Depois de completar dous mezes n’esta pescaria, devem-se acondicionar um uma aceiada boceta todas as perolas, que serão enviadas ao Illm. Sr. governador<sup>24</sup>, Continuará a mesma diligencia com o methodo referido, fazendo a remessa de dous em dous mezes, até receber ordem para suspendel-a.

*Pelles.*

Deve ter sempre dous soldados na caçada dos guarás<sup>25</sup>, os quaes devem dar conta no fim de cada oito dias, e não consentirá que no verão matem os filhos que ainda não estão bem empennados e tem as pennas negras; devem só matar os que as tem todas vermelhas; e pelo inverno (que quando ha mais e com a cor perfeita) deve occupar mais um soldado n’essa diligencia. As sobreditas pelles devem ser penduradas em uma corda separadas umas das outras, e expostas à ventilação do ar, que lhes faz beneficio, além de se pôem ao sol de dous em dous dias. Igualmente mandará caçar tocanos<sup>26</sup> para se lhes tirar as pelles, com as quaes se praticará o mesmo, cortando a uns e outros as pernas e bicos; e tambem mandará caçar maitacas<sup>27</sup> e papagaios do sertão<sup>28</sup>, dos quaes só se aproveitam as azas. Depois de ter uma boa collecção das sobreditas pelles, na vespera de partir a embarcação cuidará em apromptar as remessas, mandando descarnar bem alguns fragmentos de gordura, lavando-as com aguardente da terra, e pulverisadas com uma mistura de alcanfor triturado com a pimenta combari<sup>29</sup>, immediatamente se põem ao sol a seccar. Depois recolhem-se um uma caixa feita de propósito, arrumando-se carnaes com carnaes, e pulverisando todas as camadas com o mesmo mixto. A polvora para esta caçada vem do Rio de Janeiro, remetida por Francisco Xavier Cardozo Caldeira<sup>30</sup>, e os mais gêneros que são precisos para se apromptarem as remessas que todas irão dirigidas ao dito Caldeira com carta e relação da despeza feita, que será paga pello capitão-mór João Pereira Lima<sup>31</sup>. Tambem mandará matar lontras<sup>32</sup> para fazer remessas das pelles, e dos buchos de pescadas<sup>33</sup>, que devem ser sêccos ao sol, abrindo-os primeiro quando estão frescos.

<sup>23</sup> Sururu ou mexilhão – Designação comum a várias espécies de moluscos bivalves da família Mytilidae. Tal como a ostra, o mexilhão tem a capacidade de produzir pérolas, algumas delas com grande valor no mercado.

<sup>24</sup> À época o governador da capitania de Santa Catarina era Manuel Soares de Coimbra (7 de janeiro de 1791-8 de julho de 1793).

<sup>25</sup> Referência a *Eudocimus ruber* (Linnaeus, 1758) (Ciconiiformes, Threskiornithidae), muito apreciado pela magnífica plumagem escarlate dos adultos.

<sup>26</sup> Termo geral aplicado a qualquer representante dos Ramphastidae (Piciformes), sobretudo as espécies do gênero *Ramphastos*. Em Santa Catarina, foram assinalados *Ramphastos vitellinus* Lichtenstein, 1823, *Ramphastos dicolorus* Linnaeus, 1766 e *Ramphastos toco* Statius Muller, 1776.

<sup>27</sup> Designação comum às aves psittaciformes da fam. Psittacidae do gênero *Pionus*.

<sup>28</sup> Termo geral capaz de designar qualquer Psittacidae (Psittaciformes). No presente documento, parece estar sendo aplicado a espécies do gênero *Amazona*. Em Santa Catarina, foram assinalados *Amazona vinacea* (Kuhl, 1820), *Amazona pretrei* (Temminck, 1830), *Amazona brasiliensis* (Linnaeus, 1758) e *Amazona aestiva* (Linnaeus, 1758).

<sup>29</sup> Pimenta cumari – *Capsicum baccatum* Linnaeus (Solanaceae).

<sup>30</sup> O “Xavier dos Pássaros”.

<sup>31</sup> João Pereira Lima foi Capitão-Mor de São Francisco do Sul, SC, de 1781-1798.

<sup>32</sup> Referência a *Lontra longicaudis* (Olfers, 1818) (Carnivora, Mustelidae), mamífero de pele muito apreciada.

<sup>33</sup> Referência à bexiga natatória de espécies da família Sciaenidae (Perciformes). Também conhecido como “grude”, o “bicho” da pescada e de outros peixes ainda é muito empregado na preparação de colas finas e remédios, além de servir como membrana que chegou a ser

*Insectos.*

Terá grande cuidado em comprar os insetos dourados<sup>34</sup> logo que principia o verão, os quaes se pagam a cinco réis, mas é necessario animar aos rapazes com alguns vintens, além da paga ordinaria, para procurarem com diligencia; não comprará os que tiverem as azas brandas porque assim não servem, mas sim os que as tiverem duras, que é signal de estarem com a brilhante cor na sua verdadeira perfeição, e de terem chegado ao ordinario crescimento. Sòmente deve aproveitar as azas; guardará porém alguns inteiros dos maiores, que com as azas irão na remesa. Os denominados *Rubis*<sup>35</sup> conservam-se inteiros, e não se lhes tiram as azas. Guardam-se todos em latas, misturando-se com alguns pedaços de alcanfor<sup>36</sup> e entre algodão pare se não quebrarem. Serão da mesma forma incluidos na remessa todos os insectos que apparecerem de côr brilhante e feito exquisito; em quanto vivos estarão separados, embrulhados em algodão ou papel, para se não devorarem ou despedaçarem uns aos outros.

Não consentirá que alguma outra pessoa compre insectos dourados que não sejam para a remessa; e quando lhe conste que houve algum extravio, os mandará por ordem do Ill. e Exm. Sr. vice-rei<sup>37</sup>, pagando-os para ajuntar á remessa.

*Borboletas.*

No 1º. de Fevereiro mandará dous soldados, cada um com a sua rêde, apanhar borboletas, que devem ser as azues<sup>38</sup>, assetinadas, as de cor de perola, brancas rendadas, amorçadas, e as verdes com riscos negros; e n'esta diligencia devem-se empregar todos os dias para aproveitar o tempo em que as ha, apanhando-as com delicadeza, sem lhes quebrarem as barbas ou as pernas, e muito menos mancharem o mimoso pello que ellas tem, onde está a engraçada cor que as faz tão estimaveis, pois com estes defeitos para nada servem; não se apanharão as velhas, que se conhecem por terem as azas rotas, antes devem-se deixar para não extinguir-se a sua propagação. As borboletas se pregam nas caixas com alfinetes em boa ordem, pondo-as com as azas levantadas e os pés direitos como se estivessem vivas, deitando-se na caixa alcanfor, e assim se remettem para o Rio de Janeiro.

*Animas.*

Deve diligenciar o apanhar-se algum animal raro, para ser remetido com toda a segurança para a capital á presença do Ill.<sup>mo</sup> Sr. governador, com a relação da despeza ao provedor da real fazenda, conforme as ordens de Sua Magestade e do S. vice-rei do Estado; e com toda a brevidade apromptará e remetterá tudo o que lhe pedir o Caldeira, conforme a ordem de S. Ex.<sup>a</sup> porque é da sua inspecção e arranjo dos objectos ou generos acima já expendidos. Para nenhuma das sobreditas remessas se occupam os paisanos sem ordem superior, só sim pagando-lhes o seu trabalho.

---

aproveitada até mesmo na confecção de preservativos.

<sup>34</sup> Provável referência a certos belos coleópteros da família Chrysomelidae, subfamília Cassidinae, que foram utilizados no passado para a confecção de joias (colares e braceletes<sup>39</sup>) encastoados em ouro (Figura 12).

<sup>35</sup> Infelizmente, por falta de maiores detalhes no texto, é impossível identificar esse inseto (?coleóptero). Esta é a única fonte a citar esse nome popular.

<sup>36</sup> Cânfora. Conhecida desde a Antiguidade, trata-se da substância de extraída da seiva do canforeiro, *Cinnamomum camphora* (L.) J. Presl (Lauraceae), espécie nativa do Oriente.

<sup>37</sup> José Luís de Castro, 2o. Conde de Resende, Vice-Rei do Brasil de 9 de maio (ou 9 de julho) de 1790 a 14 de outubro de 1801.

<sup>38</sup> Parece razoável supor que as borboletas azuis pertençam ao gênero *Morpho* (Lepidoptera, Nymphalidae), mas não existem informações suficientes que permitam identificar as outras variedades mencionadas (Figura 13).



FIGURA 12: Colar com exemplares de Cassidinae (Chrysomelidae) encastoados em ouro.

### *Cochonilha.*

Como os lavradores já sabem beneficiar sufficientemente a cochonilha<sup>39</sup>, que produz bem n'este districto, é necessario mandar algumas vezes passar revista ás suas plantações e fazer colher a cochonilha, porque alguns indivíduos por preguiça o não fazem, perdendo o lucro que esta dá; e quando a trouxerem, deve-se pesar na sua, seus sitios que são distantes, e tambem precisam do dinheiro para remediarem as suas necessidades. Os nomes dos lavradores serão lançados em um quaderno, assim como o lugar onde moram, e a cochonilha que trouxerem, a qual deverá pôr-se ao sol, algumas vezes. Antes de fazer a remessa para a capital, a pesará na presença do anseçada ou cabo que a conduzir, e a lata deve ir amarrada e lacrada para não haver profusão d'ella pelo caminho.”

<sup>39</sup> Cochonilha – *Pseudococcus cacti* (Linnaeus, 1758), inseto homóptero da fam. Pseudococcidae, que segrega substâncias especiais (cera, laca) que servem de revestimento. Os machos adultos têm duas asas; as fêmeas são sempre ápteras. São pequeníssimas, alimentam-se da seiva de plantas, e vivem nas folhas, galhos, tronco e raízes. Em 10 de novembro de 1779, o vice-rei Marquês do Lavradio encaminhou ao governador da Ilha [Santa Catarina], Francisco de Barros Moraes, uma “Instrução do modo com que se deve apanhar e preparar a cochonilha” (Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Cód. 106, vol. 01, n. XXI). O vice-rei já havia dado instruções aos governadores anteriores, Francisco de Souza de Menezes e Pedro Antônio da Gama Freitas, a esse respeito, mas sem resultados satisfatórios. Com esse último, a cultura da cochonilha até encontrou certo desenvolvimento, mas, segundo declaração de José Pereira Pinto, em 31 de julho de 1786, foi “desprezada inteiramente no tempo da invasão” espanhola, e nesse estado ainda se achava (Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Cód. 106, vol. 09, of. 3. Do governador José Pereira Pinto ao vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, em 31/07/1786). Francisco de Barros Moraes entendia que a causa principal de não ter alcançado sucesso nessa produção advinha do fato de que o lavrador cuidava da árvore e dos bichos com “grande repugnância” e que ele preferia cuidar naquilo que para logo ajuda a sustentá-lo, a ele e sua família; e como via que a conveniência que lhe podiam dar estes arbustos era muito para o futuro, queria aplicar o seu cuidado à cultura da farinha, milho, arroz, e outros gêneros que para logo podiam remediar as suas necessidades (Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Cód. 106, vol. 03, of. 6. Do governador Francisco de Moraes Araújo Teixeira Homem ao vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, em 21/03/1780) (Silva, A. da, 2011. O trabalho compulsório de homens livres na Ilha de Santa Catarina (século XVIII). 50. *Encontro Escravidão e Liberdade do Brasil Meridional*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre [disponível na internet].

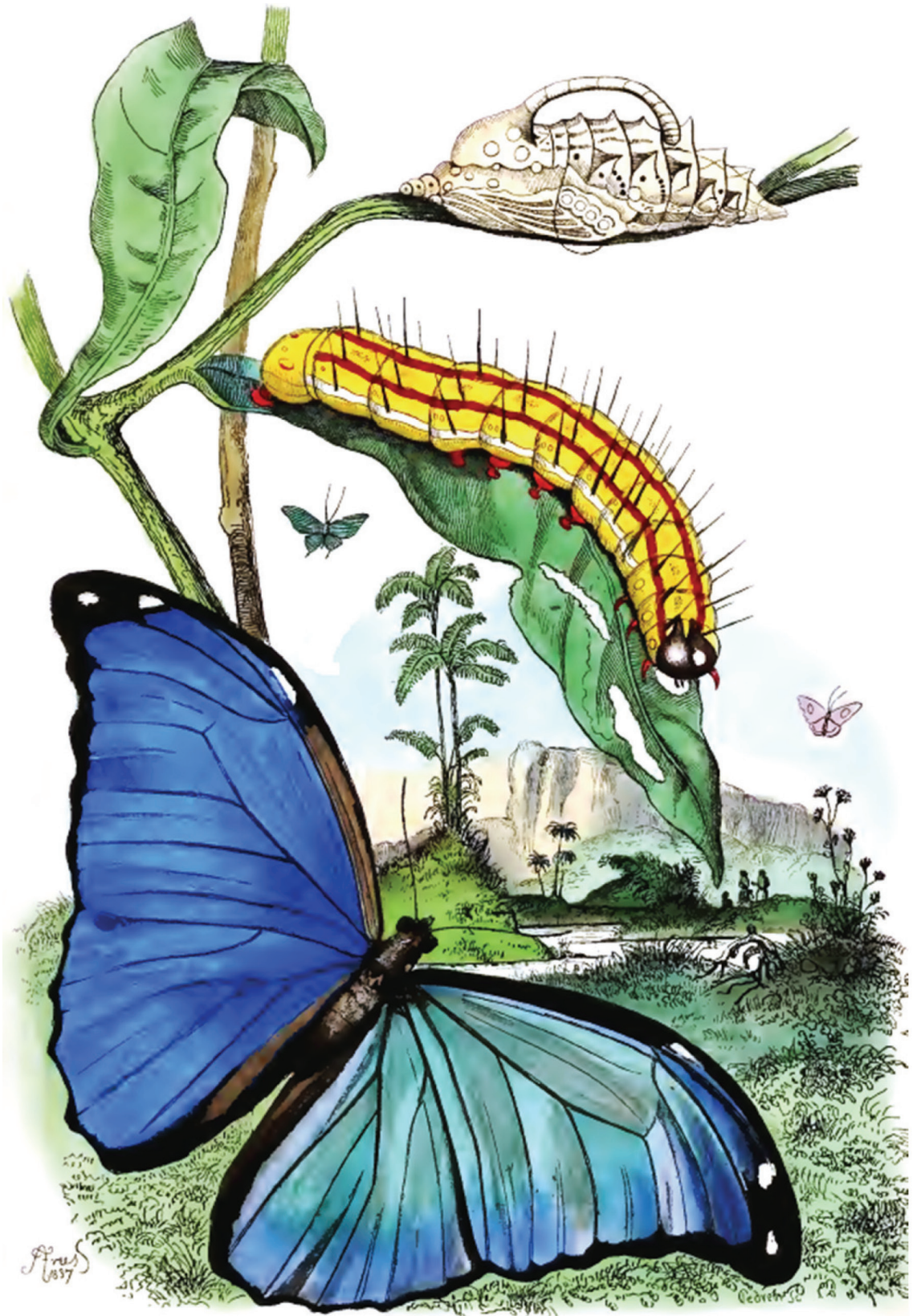


FIGURA 13: *Morpho menelaus* (Linnaeus, 1758) (Guérin[-Méneville, 1837: pl. 389, entre as pp. 450 e 451).

## RESUMO

*O crescente interesse pelas Ciências Naturais promovido pelo Iluminismo levaria Dom Luís de Vasconcellos e Sousa, 4o. Conde de Figueiró e o 12o. Vice-Rei do Estado do Brasil, a tomar várias medidas destinadas tanto à urbanização do Rio de Janeiro quanto a um melhor conhecimento dos produtos naturais da Colônia. Foi criador do “Passeio Público” e da “Casa dos Pássaros”, respectivamente a primeira exposição pública zoológica e o primeiro museu de história natural do Novo Mundo. Dom Luís de Vasconcellos e Sousa e seu sucessor, José Luís de Castro, 2o. Conde de Resende, o 13o. Vice-Rei do Brasil, receberiam a incumbência de enviar regularmente espécimes da fauna brasileira para as “Quintas Reais” e para o Museu da Ajuda, em Lisboa. No caso particular de Santa Catarina, foi elaborada, em 1791, uma “instrução”, provavelmente por iniciativa de Francisco Xavier Cardoso Caldeira – o “Xavier dos Pássaros” – para sistematizar e orientar o processo de coleta, listando os animais e produtos de origem animal com valor comercial desejados, fornecendo também interessantes detalhes sobre técnicas de preservação, acondicionamento para transporte e o preço pago pelos espécimes. Apesar de bastante conciso, esse documento é um valioso testemunho sobre a História Natural no Brasil no século XVIII.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Coleções Zoológicas; *Casa dos Pássaros*; Rio de Janeiro; Portugal, Quintas Reais, Museu da Ajuda; Luís de Vasconcellos e Sousa; José Luís de Castro; Francisco Xavier Cardoso Caldeira; Francisco dos Santos Xavier; Brasil Colônia; Santa Catarina; Instruções (1791); História da Zoologia; Século XVIII.

## AGRADECIMENTOS

Cumpre agradecer o apoio concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) às pesquisas realizadas pelos autores durante os últimos anos.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. 1781. *Breves instruções aos correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes á historia da natureza, para formar hum Museo Nacional*. Lisboa, Regia Officina Typographica.
- ALMAÇA, C. 1993. *Bosquejo histórico da zoologia em Portugal*. Lisboa, Museu Bocage.
- ALMEIDA, A.V. DE; MAGALHÃES, F. DE O.; CÂMARA, C.A.G. DA & SILVA, J.A. DE A. DA. 2008. Pressupostos do ensino da Filosofia Natural no Seminário de Olinda (1800-1817). *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, 7(2):480-505.
- BARROW, J. 1806. *A voyage to Cochinchina, in the years 1792 and 1793: Containing a general view of the valuable productions and the political importance of this flourishing kingdom; and also of such European settlements as were visited on the voyage: With sketches of the manners, character, and condition of their several inhabitants. To which is annexed an account of a journey, made in the years 1801 and 1802, to the residence of the chief of the Booshuana nation, being the remotest point in the interior of Southern Africa to which Europeans have hitherto penetrated. The facts and descriptions taken from a manuscript journal. With a chart of the route. Illustrated and embellished with several engravings by Medland, coloured after the original drawings by Mr. Alexander and Mr. Daniell*. London. T. Cadell and W. Davies.
- BERTICHEM, P. G. 1856. *Rio de Janeiro e seus arrabaldes*. Rio de Janeiro, Lithographia Imperial de Eduardo Rensburg.
- BOITEUX, H. 1918. Mestre Valentim e a arte catharinense. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina*, 7:98-104.
- BRIGOLA, J.C. 2004. Viagem, ciência e administração o Brasil colonial – Os gabinetes setecentistas de história natural de Luís Pinto de Balsemão, de Luís de Vasconcelos e Sousa e de Luís de Albuquerque Cáceres. In: *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. p. 333-339.
- CAMARGO, T. 2006. Coleccionismo, ciência e império. In: *Jornada Setecentista, 6o. Ata*. Curitiba. p. 576-587.
- CARVALHO, A.M.F.M. DE. 1999. *Mestre Valentim*. São Paulo, Editora Cosac-Naify.
- CAVALCANTI, N. 2004. *O Rio de Janeiro setecentista. A vida e a construção da cidade da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- DIOGO, M.P.; CARNEIRO, A. & SIMÕES, A. 2001. The Portuguese naturalist Correia da Serra (1751-1823) and his impact on early nineteenth century botany. *Journal of the History of Biology*, 34:353-393.
- DOMINGUES, Â. 2001. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais dos Setecentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 8 (Supl.): 823-838.
- GUÉRIN[-MÉNEVILLE], F.E. (ORG.). 1837. *Dictionnaire pittoresque d'histoire naturelle et des phénomènes de la nature, contenant l'histoire des animaux, des végétaux, des minéraux, des météores, des principaux phénomènes physiques et des curiosités naturelles, avec des détails sur l'emploi des productions des trois règnes dans les usages de la vie, les arts et métiers et les manufactures. Rédigé par une société de naturalistes, sous la direction de M.F.-E. Guérin[-Méneville]. Avec planches gravées sur acier sur les dessins de MM. de Sainson et Fries. Tome Cinquième*. Paris, Au Bureau de Souscription.
- HULTMAN, D. 1753. *Instructio musaei rerum naturalium, quam, sub praesidio D: no Doct. Caroli Linnaei, proponit David Hultman. Uplandus, Upsaliae 1753*. In: *Linnaeus, C. (Ed.). Amoenitates academicae; seu dissertationes variae physicae, medicae, botanicae, antehac*



- seorsim editae, nunc collectae et auctae cum tabulis aeneis. Volumen tertium.* Holmiae [= Stockholm], Laurentii Salvii, Novemb. 14, p. 446-464.
- JOHANNY, J. 1911. Francisco Xavier dos Santos Caldeira. *Revista Catharinense*, 1:33-36.
- LADEIRA, L. (Ed.). 2002. Passeio Público. Rio de Janeiro, Rio & Cultura, Disponível em <www.passeiopublico.com/htm/pavilhoes.asp>. Consulta em 20 de março de 2013.
- LADISLAU NETTO. 1870. *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro acompanhadas de uma breve notícia de suas colleções e publicadas por ordem do Ministerio da Agricultura.* Rio de Janeiro, Instituto Philomatico.
- LUCCOCK, J. 1820. *Notes on Rio de Janeiro, and the southern parts of Brazil; taken during a residence of ten years in that country, from 1808 to 1818.* London, Samuel Leigh.
- MACEDO, J.M. DE. 1862-1863. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro, Garnier.
- MACEDO, J.M. DE. 1876. *Anno biographico brasileiro. Primeiro volume.* Rio de Janeiro, Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artístico.
- MEIDINGER, C. VON. 1771. *Abhandlung von Naturalien-Cabinetten; oder Anleitung wie Naturalien-Cabinette eingerichtet; die natürlichen Körper gesammelt, aufgehoben und conserviret werden müssen. Aus dem lateinischen übersetzt, und mit Anmerkungen herausgegeben von C.[arl] v.[on] M.[eidinger].* Leipzig.
- NEVES, G.P. 1992. Uma réstia de luz: Rodrigo de Souza Coutinho e a criação do Seminário de Olinda. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Curitiba, 7:15-22.
- NORDBLAD, E.A. 1559. *Instructio peregrinatoris, quam, consent. Nobiliss. Facultat. Medica in Regia Academia Upsaliensi, sub praesidio viri nobiliss. et experientiss. Dn. Doct. Caroli Linnaei, Aequitis de Stella Polari, S:ae R:ae M:ris Archiatri, Medic. et Botan. Professoris Reg. et Ord. Academ. Scient. Upsal. Stockholm. Petropol. Berlin. Imp. Nat. Cur. Londin. Monspel. Tolos. et Florent. Socii, publicae censurae submittit Ericus And. Nordblad, Gevalia Gestricius. In auditorio Carol. Major. D.IX. Maji, Ann. MDCCLIX. H.A.M.S. Upsaliae.*
- OLIVEIRA, J.C. 2005. *D. João VI adorador do deus das ciências? A constituição da cultura científica no Brasil (1808-1821).* Rio de Janeiro, Editora E-Papers.
- PACHECO, J.F. 1995. Manoel Ferreira Lagos (1817-1871). Dados biográficos do segundo zoólogo do Museu Nacional. *Atualidades Ornitológicas*, 68:12-14.
- PAPAVERO, N. & TEIXEIRA, D.M. 2013. Animais enviados do Grão-Pará para as Quintas Reais de Belém (Portugal) no século XVIII. *Arquivos de Zoologia*, São Paulo 44(2):121-169.
- PATACA, E.M. 2006. *Terra, água e ar nas viagens científicas portuguesas (1755-1808).* Tese de Doutorado, Instituto de Geociências. Campinas, Universidade Estadual de Campinas.
- PATACA, E.M. 2011. Coletar, preparar, remeter, transportar – práticas de história natural nas viagens filosóficas portuguesas (1777-1808). *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, 4(2):125-138.
- PATACA, E.M. & PINHEIRO, R. 2005. Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, 3(1):58-79.
- RAMOS, J. DE C. [1791] 1848. Compilação dos objectos mais essenciaes e permanentes de que está encarregado o commandante do Rio de S. Francisco Xavier, como ha de constar das ordens que existem no archivo do mesmo commando: e alguns apontamentos de instrução para regular a sua conducta no mesmo commando. *Revista trimestral de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto historico e geographico brasileiro*, 11:487-495.
- REBELLO, D.V. 1901. *Publicações do Archivo Publico Nacional. III. Indice da correspondencia da Corte de Portugal com os Vice-Reis do Brasil no Rio de Janeiro de 1763 a 1807.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- SILVA, F. DO A. 2009. *João da Silva Feijó: Uma análise acerca de sua expedição empreendida à Capitania do Ceará em fins do século XVIII e início do século XIX.* Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, RJ.
- STAUNTON, G. 1797. *An authentic account of an embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China; including cursory observations made, and information obtained, in travelling through that ancient empire, and a small part of Chinese Tartary. Together with a relation of the voyage undertaken on the occasion by His Majesty's ship The Lion, and the ship Hindostan, in the East India Company's service, to the Yellow Sea, and Gulf of Pekin; as well as of their return to Europe; with notices of the several places where they stopped in their way out and home; being the Islands of Madeira, Teneriffe, and St. Jago; the port of Rio de Janeiro in South America; the island of St. Helena, Tristan d'Acunha, and Amsterdam; the coast of Java, and Sumatra, the Nanka isles, Pulo Condore, and Cochinchina. Taken chiefly from the papers of His Excellency the Earl of Macartney, Knight of the Bath, His Majesty's Ambassador Extraordinary and Plenipotentiary to the Emperor of China; Sir Erasmus Gower, commander of the expedition, and of other gentlemen in the several departments of the Embassy. In two volumes, with engravings; beside a folio volume of plates.* London, Printed by W. Bulmer and Co., for C. Nicol, Bookseller to His Majesty. v.1.
- THEREMIN, G. (1835). *Saudades do Rio de Janeiro dedicadas a S.M. o Senhor D<sup>o</sup> Pedro II Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil.* Berlim, L. Sachse e Comp.
- VANDELLI, D. 1771a. *Fasciculus plantarum cum novis generibus, et speciebus.* Olissipone [= Lisboa]. Typographia Regia.
- VANDELLI, D. 1771b. *Hortus Olisiponensis exhibens plantas exoticas Hortii Regii specimeneque historię naturalis Lusitanię. Cum novis generibus et speciebus.* MS, cota cod-3750. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal.

Aceito em: 12/08/2013  
 Impresso em: 20/12/2013

## EDITORIAL COMMITTEE

**Publisher:** Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Avenida Nazaré, 481, Ipiranga, CEP 04263-000, São Paulo, SP, Brasil.

**Editor-in-Chief:** Carlos José Einicker Lamas, Serviço de Invertebrados, Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Caixa Postal 42.494, CEP 04218-970, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [editormz@usp.br](mailto:editormz@usp.br).

**Associate Editors:** Mário César Cardoso de Pinna (*Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Brasil*); Luis Fábio Silveira (*Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Brasil*); Marcos Domingos Siqueira Tavares (*Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Brasil*); Sérgio Antonio Vanin (*Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, Brasil*); Hussam El Dine Zaher (*Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Brasil*).

**Editorial Board:** Rüdiger Bieler (*Field Museum of Natural History, U.S.A.*); Walter Antonio Pereira Boeger (*Universidade Federal do Paraná, Brasil*); Carlos Roberto Ferreira Brandão

(*Universidade de São Paulo, Brasil*); James M. Carpenter (*American Museum of Natural History, U.S.A.*); Ricardo Macedo Corrêa e Castro (*Universidade de São Paulo, Brasil*); Mario de Vivo (*Universidade de São Paulo, Brasil*); Marcos André Raposo Ferreira (*Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brasil*); Darrel R. Frost (*American Museum of Natural History, U.S.A.*); William R. Heyer (*National Museum of Natural History, U.S.A.*); Ralph W. Holzenthal (*University of Minnesota, U.S.A.*); Adriano Brillhante Kury (*Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brasil*); Gerardo Lamas (*Museu de Historia Natural "Javier Prado", Lima, Peru*); John G. Maisey (*American Museum of Natural History, U.S.A.*); Naércio Aquino Menezes (*Universidade de São Paulo, Brasil*); Christian de Muizon (*Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris, France*); Nelson Papavero (*Universidade de São Paulo, Brasil*); James L. Patton (*University of California, Berkeley, U.S.A.*); Richard O. Prum (*University of Kansas, U.S.A.*); Olivier Rieppel (*Field Museum of Natural History, U.S.A.*); Miguel Trefaut Urbano Rodrigues (*Universidade de São Paulo, Brasil*); Randall T. Schuh (*American Museum of Natural History, U.S.A.*); Ubirajara Ribeiro Martins de Souza (*Universidade de São Paulo, Brasil*); Richard P. Vari (*National Museum of Natural History, U.S.A.*).

## INSTRUCTIONS TO AUTHORS - (April 2007)

**General Information:** *Papéis Avulsos de Zoologia (PAZ)* and *Arquivos de Zoologia (AZ)* cover primarily the fields of Zoology, publishing original contributions in systematics, paleontology, evolutionary biology, ontogeny, faunistic studies, and biogeography. *Papéis Avulsos de Zoologia* and *Arquivos de Zoologia* also encourage submission of theoretical and empirical studies that explore principles and methods of systematics.

All contributions must follow the International Code of Zoological Nomenclature. Relevant specimens should be properly curated and deposited in a recognized public or private, non-profit institution. Tissue samples should be referred to their voucher specimens and all nucleotide sequence data (aligned as well as unaligned) should be submitted to GenBank ([www.ncbi.nih.gov/Genbank](http://www.ncbi.nih.gov/Genbank)) or EMBL ([www.ebi.ac.uk](http://www.ebi.ac.uk)).

**Peer Review:** All submissions to *Papéis Avulsos de Zoologia* and *Arquivos de Zoologia* are subject to review by at least two referees and the Editor-in-Chief. All authors will be notified of submission date. Authors may suggest potential reviewers. Communications regarding acceptance or rejection of manuscripts are made through electronic correspondence with the first or corresponding author only. Once a manuscript is accepted providing changes suggested by the referees, the author is requested to return a revised version incorporating those changes (or a detailed explanation of why reviewer's suggestions were not followed) within fifteen days upon receiving the communication by the editor.

**Proofs:** Page-proofs with the revised version will be sent to e-mail the first or corresponding author. Page-proofs *must be returned to the editor, preferentially within 48 hours*. Failure to return the proof promptly may be interpreted as approval with no changes and/or may delay publication. Only necessary corrections in proof will be permitted. Once page proof is sent to the author, further alterations and/or significant additions of text are permitted only at the author's expense or in the form of a brief appendix (note added in proof).

**Submission of Manuscripts:** Manuscripts should be sent to the **SciELO Submission** (<http://submission.scielo.br/index.php/paz/login>), along with a submission letter explaining the importance and originality of the study. Address and e-mail of the corresponding author must be always updated since it will be used to send the 50 reprints in titled by the authors. Figures, tables and graphics **should not** be inserted in the text. Figures and graphics should be sent in separate files with the following formats: ".JPG" and ".TIF" for figures, and ".XLS" and ".CDR" for graphics, with 300 DPI of minimum resolution. Tables should be placed at the end of the manuscript.

Manuscripts are considered on the understanding that they have not been published or will not appear elsewhere in substantially the same or abbreviated form. The criteria for acceptance of articles are: quality and relevance of research, clarity of text, and compliance with the guidelines for manuscript preparation.

Manuscripts should be written preferentially in English, but texts in Portuguese or Spanish will also be considered. Studies with a broad coverage are encouraged to be submitted in English. All manuscripts should include an abstract and key-words in English and a second abstract and key-words in Portuguese or Spanish.

Authors are requested to pay attention to the instructions concerning the preparation of the manuscripts. Close adherence to the guidelines will expedite processing of the manuscript.

**Manuscript Form:** Manuscripts should not exceed 150 pages of double-spaced, justified text, with size 12 and source Times New Roman (except for symbols). Page format should be A4 (21 by 29.7 cm), with 3 cm of margins. The pages of the manuscript should be numbered consecutively.

The text should be arranged in the following order: **Title Page, Abstracts with Key-Words, Body of Text, Literature Cited, Tables, Appendices, and Figure Captions**. Each of these sections should begin on a new page.

(1) **Title Page:** This should include the **Title, Short Title, Author(s) Name(s)** and **Institutions**. The title should be concise and, where appropriate, should include mention of families and/or higher taxa. Names of new taxa should not be included in titles.

(2) **Abstract:** All papers should have an abstract in **English** and another in **Portuguese or Spanish**. The abstract is of great importance as it may be reproduced elsewhere. It should be in a form intelligible if published alone and should summarize the main facts, ideas, and conclusions of the article. Telegraphic abstracts are strongly discouraged. Include all new taxonomic names for referencing purposes. Abbreviations should be avoided. It should not include references. Abstracts and key-words should not exceed 350 and 5 words, respectively.

(3) **Body of Text:** The main body of the text should include the following sections: **Introduction, Material and Methods, Results, Discussion, Conclusion, Acknowledgments, and References at end**. Primary headings in the text should be in capital letters, in bold and centered. Secondary headings should be in capital and lower case letters, in bold and centered. Tertiary headings should be in capital and lower case letters, in bold and indented at left. In all the cases the text should begin in the following line.

(4) **Literature Cited:** Citations in the text should be given as: Silva (1998) *or* Silva (1998:14-20) *or* Silva (1998: figs. 1, 2) *or* Silva (1998a, b) *or* Silva & Oliveira (1998) *or* (Silva, 1998) *or* (Rangel, 1890; Silva & Oliveira, 1998a, b; Adams, 2000) *or* (Silva, *pers. com.*) *or* (Silva *et al.*, 1998), the latter when the paper has three or more authors. The reference need not be cited when authors and date are given only as authority for a taxonomic name.

(5) **References:** The literature cited should be arranged strictly alphabetically and given in the following format:

- **Journal Article** - Author(s). Year. Article title. *Journal name*, volume: initial page-final page. Names of journals must be spelled out in full.
- **Books** - Author(s). Year. *Book title*. Publisher, Place.
- **Chapters of Books** - Author(s). Year. Chapter title. *In: Author(s) ou Editor(s), Book title*. Publisher, Place, volume, initial page-final page.
- **Dissertations and Theses** - Author(s). Year. *Dissertation title*. (Ph.D. Dissertation). University, Place.
- **Electronic Publications** - Author(s). Year. *Title*. Available at: <electronic address>. Access in: date.

**Tables:** All tables must be numbered in the same sequence in which they appear in text. Authors are encouraged to indicate where the tables should be placed in the text. They should be comprehensible without reference to the text. Tables should be formatted with vertical (portrait), not horizontal (landscape), rules. In the text, tables should be referred as Table 1, Tables 2 and 4, Tables 2-6. Use "TABLE" in the table heading.

**Illustrations:** Figures should be numbered consecutively, in the same sequence that they appear in the text. Each illustration of a composite figure should be identified by capital letters and referred in the text as: Fig. 1A, Fig. 1B, for example. When possible, letters should be placed in the left lower corner of each illustration of a composite figure. Hand-written lettering on illustrations is unacceptable. Figures should be mounted in order to minimize blank areas between each illustration. Black and white or color photographs should be digitized in high resolution (300 DPI at least). Use "Fig(s)," for referring to figures in the text, but "FIGURE(S)" in the figure captions and "fig(s)," when referring to figures in another paper.

**Responsibility:** Scientific content and opinions expressed in this publication are sole responsibility of the respective authors.  
**Copyrights:** The journals *Papéis Avulsos de Zoologia* and *Arquivos de Zoologia* are licensed under a Creative Commons Licence (<http://creativecommons.org>).

For other details of manuscript preparation of format, consult the CBE Style Manual, available from the Council of Science Editors ([www.councilscienceeditors.org/publications/style](http://www.councilscienceeditors.org/publications/style)).  
*Papéis Avulsos de Zoologia* and *Arquivos de Zoologia* are publications of the Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo ([www.mz.usp.br](http://www.mz.usp.br)). Always consult the Instructions to Authors printed in the last issue or in the electronic home pages: [www.scielo.br/paz](http://www.scielo.br/paz) or [www.mz.usp.br/publicacoes](http://www.mz.usp.br/publicacoes).